

Psicanálise, bordas e fronteiras

Adriana Hercman – Escuela Freudiana de la Argentina

Um dos termos propostos para este Colóquio, traduzido para o espanhol como *bordes* ou fronteiras, adquire particular espessura quando o vírus que ameaça o mundo não respeita fronteiras, e o fechamento e a abertura das mesmas – sejam elas as internacionais ou as que apontam para o dentro-fora de um isolamento -, indicam o nível da tragédia de cada dia.

Hoje toca mensurar a distância que separa um corpo do outro e os efeitos no laço são incalculáveis. A esse respeito, Freud indicava que das três fontes do mal-estar na cultura, o laço ao semelhante é aquele que mais perigo representa e maior mal-estar consome. Tinham passado quase vinte anos desde o momento em que ele revelou a lógica em questão: a fraternidade tem origem no crime e o nosso empenho em sermos todos irmãos é prova evidente de que não o somos.

Norberto Ferreyra, na sua transmissão, retoma a definição que dá Lacan do próximo, como iminência intolerável de gozo, e de seu dizer se deduz que o lugar para acolher o outro de cada um, pode não ter sido construído.

Encontramos um exemplo extremo disso no modo do mal que Hannah Arendt – a respeito dos crimes perpetrados pelos regimes totalitários do século XX – qualificou de banal, onde se anula o laço mínimo de identificação, esse que ainda nas piores situações, sustenta o intercâmbio e a comunicação com os semelhantes.

Aqueles que em outras circunstâncias teriam fantasiado ou sonhado com crimes sem chegar jamais a perpetrá-los, em condições de tolerância completa da lei ultrapassam esse limite e se atribuem o direito de decidir sobre a vida de outros aos quais despojaram de humanidade.

O mal do nosso tempo se diferencia daquele promovido pelos totalitarismos do século passado. O mal e a eliminação do outro se desdobra sob a forma de fome, desídia e exclusão. O mercado, o mundo financeiro e as grandes corporações deslocaram a figura do amo clássico, e o mal se propaga lento, como ameaça muda e muito mais difícil de situar.

Cada modalidade discursiva segrega um mal-estar que é singular. Hoje, a “vizinhocracia” não se reduz ao senhor da casa ao lado: urgidos por estabelecer

políticas para o combate da pandemia, as grandes potências do mundo dedicaram-se à produção de vacinas, desconhecendo, na sua glotonaria intestinal, a necessidade que tem aqueles que carecem de recursos, esgrimindo para isso complicados princípios nacionalistas, desses que socavam qualquer esforço coletivo necessário para mitigar o novo flagelo.

É o mal que se reproduz em diversas cidades, quando parte da sociedade promove um negacionismo que - como direito à propriedade ou como demanda de liberdade que desconhece que, na sua alienação, pede a liberdade da morte - se revela contra as medidas sanitárias sacrificando vidas e servindo voluntária e cegamente às leis do mercado e seu funcionamento.

O discurso que praticamos nos dá ferramentas para compreender estas condutas que promovem a eliminação do outro. Mas, de que forma a nossa prática representa uma alternativa a esta lógica discursiva?

Tanto Freud quanto Lacan falaram de barreiras ou fronteiras e situaram a questão relativa ao mal, quer seja na ruptura da proteção anti-estímulo, na ultrapassagem da fronteira no limite de *das Ding* ou no princípio do prazer como barreira ao gozo.

Lacan leu a metapsicologia freudiana com os termos de uma topologia que encontra no coração do sujeito um núcleo de maldade fundamental, lugar êxtimo que conjuga o íntimo com a radical exterioridade, campo do gozo produzido pela linguagem, mas que não pode ser pego pela palavra.

O falante não pode se aproximar desse núcleo de si mesmo, estrangeiro e íntimo ao mesmo tempo, sem que surja uma maldade que o faz recuar, que volta contra ele mesmo e que *vem dar seu peso, no lugar mesmo da Lei desvanecida, ao que impede franquear certa fronteira no limite da Coisa.*

Enquanto Sade - ao postular a virtude do crime e a busca do mal - representa uma tentativa teórica de ultrapassar essa fronteira, a neurose a ultrapassa diariamente nos sintomas, os atos falhos, os sonhos. Quando em uma análise se dá lugar ao desdobramento do fantasma, não demora em aparecer a ética de Kant iluminado por Sade, de modo que ao mais honesto *"te amo"* segue um *"mas como amo em ti algo mais que tu, mutilo-te"*

Para o falante não há realidade que não seja de discurso que se funda em uma renúncia ao gozo que chamamos castração que, se não existisse, conduziria a satisfazer sua necessidade de agressão à custa de seu próximo. Por isso, até o mais rebelde busca um amo - cuja materialidade é a do significante - para assegurar os limites de seu gozo.

Se a tolerância é a ação da castração no laço social, quando falta o limite, e com ele a

distância simbólica que inscreve a castração, abre-se um cenário de “tudo é possível” que habilita a intolerância mais cruel, que pode ser constatada tanto na clínica quanto nos fenômenos coletivos.

A marca do significante separa o gozo do corpo e a partir desse momento, a realidade do fantasma excluirá esse resto êxtimo em que se sustenta. Não se trata de uma superfície originalmente completa que se divide, mas que a greta, a fissura, e a impossibilidade de unificação estão na entrada. É precisamente em relação a esse limite que o falante constrói o lugar de seu *lui-meme* que lhe permitirá acolher o outro, que é ele mesmo, na sua alteridade radical.

Se o discurso do inconsciente impede a realização do fantasma não conjugando seus termos (barreira do gozo), o discurso atual os enlaça como modo de realização do gozo. O neoliberalismo - versão extrema e descarnada do capitalismo - tenta apagar o sujeito na sua existência falante, sexuada e mortal e explora seu estofo dividido, potencializando o medo a essa diferença íntima, a essa familiaridade estranha, promovendo fenômenos de ódio, com apoio no argumento fantasmático que vê no outro um gozo que lhe rouba ou uma liberdade que lhe corresponde.

Enquanto o discurso imperante procura eliminar a perda, eliminando os perdedores, para o discurso do analista, o resto faz sintoma e não pode ser eliminado. Resiste apesar de querer eliminá-lo. Enquanto outros discursos ocultam o confronto com a falta, a experiência da análise se dobra na torção desse instante em que se produz o confronto

com o estranho no familiar, o encontro com a cabeça de Medusa, a fenda sem solução. E em relação ao medo, tão presente nestes tempos, situa a autenticidade da angústia como aquilo que não engana sobre a verdade relativa à falta.

Na segunda das conferências que Lacan proferiu em Bruxelas, na época do Seminário *A Ética da psicanálise*, ele dizia que Freud não era progressista: qual o progresso que poderia ser apontado na passagem da escravidão dos antigos para o capitalismo dos nossos dias se, como então, a extração do gozo subtraído ao semelhante como mais valia continua representando um gozo supostamente legítimo? Tampouco era humanista, porque o sujeito do inconsciente, efêmero e evanescente, não pode coincidir com uma doutrina que aspire a fixar de maneira universal algo da ordem de uma essência humana.

Freud era humanitário, porque ao inventar a psicanálise ofereceu à civilização uma forma inédita de laço social que possibilita que na fala surja um dizer.

A prática da análise põe em jogo o fato de que o gozo que o semelhante representa só pode ser elaborado se falamos para um pequeno outro, porque nesse encontro o analisante poderá conhecer o gozo que rejeitou para se constituir e - mediante o amor de transferência - terá a possibilidade de elaborá-lo e colocá-lo ao serviço do

desejo.

Não há progresso nem solução. Não há cura para a divisão subjetiva. Não se trata, na análise, de chegar a algum franqueamento a modo de superação hegeliana, mas de uma passagem ou torção a respeito do limite como exclusão interna que possibilite que dos ditos se produza um dizer permitindo ao analisante inscrever a impossibilidade como único tratamento possível da impotência, inaugurar uma disponibilidade que lhe permita acolher o outro e atenuar o ódio no laço sem iludir os impasses da castração.

A política da psicanálise é a via régia para a ex-sistência do sujeito em relação aos outros. A escola mesma - como dispositivo de transmissão do discurso que praticamos -

conta com a passagem como opção, para quem assim o decidir, de constatar e transmitir os efeitos desse passo em uma experiência que consiste em dar lugar aos outros e não de silenciá-los para se fazer ouvir.

Estrangeiro de si mesmo, por meio da análise o sujeito poderá acolher o outro não apenas por alojar a diferença que há entre um e o outro, mas por aquilo que eles têm em comum, a falta em ser que os habita, o exílio primeiro da existência.